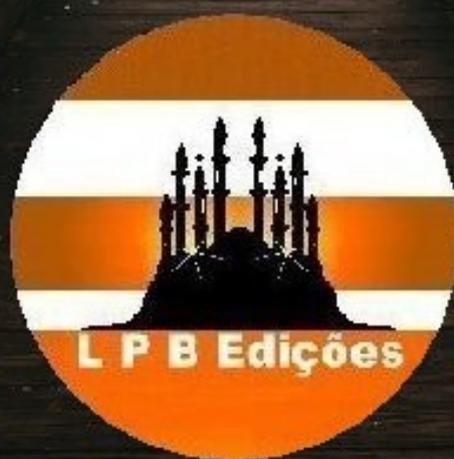


# A PONTE CAÍDA

Benvinda Ana Baçan



# **A PONTE CAÍDA**

**BENVINDA ANA BAÇAN**

**2ª Edição Eletrônicas - 2018**

**Editor  
L P Baçan  
Londrina – PR**

**Copyright © 2018 - BENVINDA ANA BAÇAN  
Uraí - PR**

**2018**

# ÍNDICE

<b>BENVINDA ANA BAÇAN.....</b>	<b>4</b>
<b>O Espantalho.....</b>	<b>5</b>
<b>A Ponte Caída .....</b>	<b>10</b>
<b>Ponte dos Sonhos .....</b>	<b>13</b>
<b>Ponte dos Desejos.....</b>	<b>14</b>
<b>Terceira Idade.....</b>	<b>15</b>

## BENVINDA ANA BAÇAN



Nasceu em 21/03/1930. Mulher guerreira e dedicada, criou 5 filhos e 2 netos. Durante a vida se doou em cuidados a sua mãe, irmão e esposo.

Escrevia desde 1962, quando fez seu primeiro poema, dedicado ao pai recém-falecido.

Acreditava em Deus e se auto-definia como sonhadora e romântica.

Escrevia compulsivamente, preenchendo folhas e mais folhas de cadernos com poemas e contos que reescrevia repetidamente.

Participou da I e da II Antologias do Portal CEN e publicou os seguintes livros virtuais: "Os Sonhos de Pedro", "O Baú das Minhas Lembranças", "O Contador de Histórias", "A Ponte Caída", "Carrossel" e "Retalhos".

Estava organizando seus textos para a edição de pelo menos mais cinco livros virtuais.

Foi Acadêmica-fundadora da AVLLB.

Faleceu em 31 de julho de 2018.

## O Espantalho

José comprou um sítio e nele ia plantar arroz. Tudo estava pronto e a terra já estava preparada. Começaram o plantio. Foram dias de muito trabalho, mas uma coisa não estava certa. Conforme iam plantando, as pombas iam comendo as sementes. Quando o arroz começou a crescer, as pombas não perderam tempo, continuaram comendo o que viam pela frente. Pouco restou da plantação. As aves chegavam em bando, famintas, procurando os grãos de arroz caídos na terra ou nos cachos das plantas. José, tentando espantar as aves, soltava rojões, mas não adiantava. Elas se espalhavam, voavam de um lado para o outro, e em pouco tempo estavam de volta. Era até bonito ver a forma como as pombas devoravam os grãos de arroz e as plantas que começavam a se formar. Assim, no primeiro ano, não houve colheita: as pombas fizeram um banquete no arrozal de José.

No ano seguinte, os vizinhos deram conselhos e as mais diferentes sugestões para José, mas nada dava certo. As pombas sempre voltavam e o bando era cada vez maior. José saiu decidiu sair à procura de ajuda, de novos conselhos e de novas sugestões para pôr fim ao ataque das aves. Dona Chica, uma vizinha, explicou que na região nunca existiu uma plantação de arroz, e o que José estava fazendo era simplesmente alimentar as pombas. Disse que ele teria que tomar uma providência urgente para não ter mais prejuízos. Do contrário, teria que mudar para um outro tipo de lavoura. José queria lidar somente com arroz. Dona Chica teve, então, uma idéia: mandou José fazer um espantalho. Foi aí que tudo começou. Dona Chica providenciou as roupas para o espantalho: camisa xadrez vermelha, lenço vermelho, calça velha, palha de milho, etc... Alguns garotos ajudaram e, em pouco tempo, o espantalho estava pronto.

O boneco tão parecido com um homem que resolveram batizá-lo com o nome de Custódio. E lá foi Custódio para o meio do arrozal, cuidar da roça de José. Para ajudar, penduraram várias latinhas para fazer barulho com o vento. No começo, até que deu certo, mas um espantalho só era pouco. Seria preciso vários deles para manter as pombas afastadas do arrozal de José.

Dona Chica e os garotos, com muita vontade de ajudar o agricultor, resolveram fazer mais espantalhos. Com palha de milho e roupas velhas que conseguiram, começaram os trabalhos. Decidiram fazer vários deles, com as cabeças de palha bem presas com arame, os braços abertos, mãos e pés de palha do milho. Suas roupas eram vestidas em uma armação de madeira. Quando o primeiro ficou pronto, os garotos disseram:

— Este se parece mais com fantasma e não com um espantalho.

Continuaram o trabalho e a providência deu certo. Penduraram muitas latinhas vazias, amarradas com cordinhas, para fazer barulho com o vento.

As pombas voavam sem rumo. Para todos os lados que iam, lá estavam um espantalho fazendo barulho. Os garotos se divertiam com a confusão dos pássaros, tentando pousar na plantação para comer o arroz.

Os garotos, então, tiveram uma idéia. Pediram a Dona Chica que fizesse uma mulher para Custódio. A idéia foi aceita e imediatamente começaram os preparativos. Custódio ia ganhar uma companheira e juntos cuidariam do arrozal de José. Foi quando começou uma discussão. Eles não sabiam com qual nome batizar a mulher de Custódio.

Finalmente, depois de muito blá-blá-blá, ficou decidido, o nome dela seria Difícil. Perguntaram aos garotos porque deram esse nome para um espantalho e os eles responderam simplesmente que fora muito "difícil" encontrar um nome para ela.

Difícil tinha vestido vermelho, cabelo de corda trançada, olhos e bocas pintadas com tinta vermelha e um monte de latinhas penduradas nos braços abertos. Os garotos queriam que ela ficasse ao lado de Custódio, tomando conta do arrozal. José disse:

— Junto dele, não. Ela vai ficar bem longe do Custódio.

Como os garotos discordassem e não houve acordo entre eles e José, decidiram fazer um sorteio. Pegaram vinte pedacinhos de papel em branco, dobraram e juntaram a estes dois outros: em um estava escrito "sim" e no outro estava escrito "não". Começaram a abrir os papéis um a um. O primeiro que contivesse alguma coisa escrita indicaria a decisão. Saiu o "sim".

E lá foi Difícil viver com Custodio no meio do arrozal. Quando ela foi colocada ao lado dele, ela olhou para ele, piscou e sorriu. Os garotos viram aquela cena e fizeram vários comentários sobre o acontecido, mas acharam que era impossível ter acontecido aquilo. Disseram:

— Estamos ficando malucos! Estamos vendo coisas

Com os novos espantalhos, os pombos ficaram malucos, voando para todos os lados por causa do barulho. E foi assim que o arrozal de José nasceu todinho. Quando o tempo fechava e a chuva ameaçava cair, os garotos corriam para ajudar a guardar os espantalhos no rancho. O arrozal cresceu e apareceram os primeiros cachos. Novamente os espantalhos voltaram para cuidar da roça de José, com mais latinhas penduradas para fazer muito barulho. Para os garotos isso era uma festa. Quando o vento estava forte, as latinhas batiam umas nas outras e faziam um barulho infernal. Coitado dos pombos: voavam de um lado para outro assustados, numa dança sincronizada, um verdadeiro balé no céu.

Quando o arroz foi colhido, os espantalhos foram retirados e a roça foi liberada para os pombos comerem o arroz que ficou no chão. Os garotos sempre iam ao rancho brincar com os espantalhos, pendurando mais latinhas para fazer mais barulho no arrozal de José.

Certo dia, quando os garotos chegaram no rancho para brincar com os espantalhos, encontraram os dois deitados no chão, abraçados. Ficaram confusos, perguntando-se quem poderia ter feito isso, já que no dia anterior os garotos deixaram os espantalhos encostados na parede.

— José não seria capaz de fazer isso! — concluíram.

Essa brincadeira não estava cheirando bem. Tinha alguma coisa errada nessa história. Cada um dos garotos tinha uma pontinha de dúvida. Quem teria feito isso? Os garotos lembraram do dia em que colocaram Dificil ao lado de Custódio, quando a viram sorrir e piscar para Custódio. Teria sido fruto da imaginação deles? Será?

Naquele dia, não brincaram com os espantalhos. Saíram, fecharam a porta do rancho e foram para casa intrigados.

No outro dia, ao chegarem ao rancho, encontraram a porta aberta. Custódio e Dificil não estavam lá. No lugar onde eles ficavam, só restara um monte de latinhas. Foi uma grande confusão entre os garotos.

— Quem abriu a porta do rancho?

— Quem retirou as latinhas?

— Quem levou o casal de espantalhos?

Foram muitas as perguntas, mas eles não tinham respostas para elas. Saíram correndo, apavorados. Perguntaram a José se ele havia retirado os espantalhos, mas ele garantiu que não fora ele. Quem teria feito isso? Saíram pela vizinhança perguntando, e a resposta era sempre a mesma. Dona Chica, mulher vivida e conhecedora de coisas sem explicações, deu um conselho para os garotos:

— Procure nos sítios vizinhos! Perguntem por duas pessoas, não por dois espantalhos.

Os garotos estavam com a pulga atrás da orelha.

— Será que os espantalhos se transformaram em gente?

— Será que aquilo que vimos no dia em que a colocamos ao lado de Custódio aconteceu de verdade?

Sem respostas para suas indagações, os garotos percorreram a vizinhança. Mais tarde, desanimados de tanto procurar, foram falar com Dona Chica. Todos diziam que ela era uma feiticeira, que falava com os mortos e encontrava pessoas e coisas desaparecidas. Mas encontrar os dois espantalhos estava sendo uma coisa difícil.

Dona Chica prometeu pedir ajuda para seus guias e disse aos garotos:

— Há um grande mistério sobre os dois espantalhos, mas garanto que vou descobrir o que aconteceu.

Os dias foram se passando. Os vizinhos, igualmente intrigados com aquele acontecimento, passaram a ajudar. Por indicação de Dona Chica, procuravam por um casal de meia idade: ele, de camisa vermelha com um lenço no pescoço, calça velha e rasgada; ela, de vestido vermelho e duas tranças no cabelo. Os dois deveriam estar descalços.

A notícia correu de boca em boca até chegar na cidade e, por fim, à delegacia. O delegado, com sua equipe, resolveu procurar José. O agricultor não sabia como explicar ao delegado que as pessoas desaparecidas, na verdade, eram um casal de espantalhos. Falou, explicou, mas o delegado riu na cara dele. José disse que fora por esse motivo que não procurara ajuda na delegacia. A história toda havia sido inventada pelos garotos que queriam de volta o casal de espantalhos. E ninguém tirava essa idéia da cabeça deles.

— E tem mais, — disse José — nós vamos continuar procurando, pode ter certeza disso, Dr. Delegado.

Duas semanas se passaram. A cidade toda acabou se envolvendo e todos procuravam juntos. Ninguém desistia da idéia de encontrar o casal de espantalhos. Nas escolas, a tarefa era a mesma depois das aulas. As crianças garantiam que iriam parar quando encontrassem o casal desaparecido.

A notícia chegou, finalmente, à igreja. O padre queria saber da história completa e não faltaram informantes. Todos contavam a mesma história.

— Nós queremos Custodio e sua mulher de volta no rancho.

Dona Chica foi consultada novamente e deu novas esperanças aos garotos. Ela disse:

— Os dois não estão longe. Estão procurando serviço nos sítios vizinhos, lá para as bandas do assentamento dos sem-terra.

Para lá foram os garotos. De fato, ali havia passado um casal mal vestido, procurando trabalho. Eles disseram que trabalharam em um sítio e nunca ganharam um centavo. Foi por esse motivo que os dois fugiram de lá. Como ali não tinha nenhum serviço, os dois comeram arroz com feijão, dormiram no paiol e foram embora de madrugada, levando duas garrafas com água. Essa descrição batia com o casal de espantalhos.

Finalmente os garotos tinham uma pista quente do paradeiro dos dois e ficaram cheios de esperança de voltar a encontrar Custódio e Difícil. Até uma novena foi encomendada ao padre para ajudar nisso.

Passaram-se três semanas e os garotos e a população continuavam procurando pelos espantalhos. Certa noite, caiu um temporal e amanheceu chovendo muito forte. Os garotos não tiveram como sair para procurar o casal, mas foram todos para o rancho, sem saber da surpresa que os aguardava. Quando abriram a porta do rancho, lá estavam os dois espantalhos, dormindo abraçadinhos. Foi uma correria danada. Alguns ficaram vigiando os dois e os outros saíram para contar a novidade para José e para os vizinhos. A chuva não foi obstáculo para conter a alegria deles.

Em pouco tempo, o sítio ficou cheio de gente. Vieram até o padre e o delegado com um aparato policial. O comércio da cidade parou. Todos foram para o sítio de José em busca de uma explicação. Como? Por quê? O

que teria acontecido? Foi uma confusão dos diabos! O povo queria tudo ao mesmo tempo, mas ninguém tinha uma resposta. Os garotos reunidos tomaram uma decisão:

— Nós não vamos contar a ninguém o que aconteceu no dia em que colocamos Difícil ao lado de Custódio. Ninguém vai acreditar na gente, então é melhor ninguém ficar sabendo disso. Vamos guardar isso só pra nós.

O povo, impaciente, esperava debaixo de chuva, sem arredar o pé da porta do rancho. Depois de muito tempo, os dois espantalhos acordaram e se assustaram ao ver tanta gente em volta do rancho. Custódio decidiu logo:

— Vamos embora daqui mulher! Esse povo vai acabar com gente.

Mas, na verdade, não era isso que todos queriam. Estavam ali à espera de uma explicação. Os dois eram espantalhos, como explicar que agora eles eram pessoas normais? O padre resolveu conversar com eles. Chamou-os à porta e indagou:

— Vocês têm uma explicação para essa transformação impossível?

Custódio abraçou Difícil e disse, encarando o padre e o povo ao redor:

— Foi o amor. Por ele, milagres acontecem...

O que ninguém sabia era que uma fada os havia tocado como sua varinha mágica, transformando-os em pessoas normais, para que pudessem viver seu grande amor.

Precisa dizer o nome dessa fada?

## A Ponte Caída

Há muitos anos, eu estudava na escola da ponte. Parece que os anos não passaram: o tempo parou. Em nossos corações estão gravados os momentos felizes; os tristes não guardamos, ou não queremos recordar. A ponte sobre o rio, que atravessávamos para irmos à escola... era gostoso e divertido jogar pedrinhas na água, jogar flores só para vê-las dançarem sobre a água antes da correnteza levá-las. Foi assim que descobrimos que a ponte era nossa fantasia. Passamos a enviar mensagens, escrevendo palavras doces, românticas, cheias de amor, desejos, sonhos e fantasias. Ao voltar da escola, a ponte ficava cheia de meninas com suas mensagens. A água forte destruía os pedaços de papel, mas não destruía nossas fantasias. Nossos comentários eram sempre renovados pela nossa imaginação. Fomos crescendo, e a cada ano nossos desejos mudavam. Os pedidos em pequenos pedaços de papel agora eram cartas de amor. Nelas pedíamos um namorado, um alguém especial que viesse ao nosso encontro. O lugar marcado era na ponte aos domingos. Mas nunca apareceu ninguém. Mesmo assim nós nunca deixamos de sonhar e ter esperança de que um dia nossos desejos se realizassem. Somente as meninas enviavam mensagens de amor e os garotos não sabiam desse segredo.

Um dia descobrimos que era mais seguro colocar as mensagens dentro de uma garrafa, assim a água não destruiria as mensagens. Assim foi feito. Entre tantas mensagens, uma dizia:

*"Eu sou Rita, estudo na escola da ponte e procuro alguém para ser meu namorado e meu marido. Não demore, eu tenho quinze anos e quero viver uma linda e longa história de amor. Que o tempo seja breve. Estarei esperando na ponte todos os domingos. Usarei uma rosa vermelha no cabelo, assim serei reconhecida por quem pegar minha mensagem".*

Outra mensagem dizia;

*"Meu nome é Regina e procuro um pai para mim. O meu pai partiu, foi morar com Deus no dia em que nasci. Minha mãe chora de saudades até hoje. Eu não quero um pai velho, ele deve ter menos de quarenta anos e mais de trinta. Que seja bonito, trabalhador, honesto e sincero. Ele deverá gostar muito de mim e amar minha mãe. Ela é muito bonita e tem trinta anos. Eu tenho doze anos procuro urgente um pai".*

Os sonhos das meninas iam além da imaginação. A única coisa em comum era a vontade de terem seus desejos realizados. O que elas não sabiam era que a ponte dos desejos estava com os dias contados. Por uma decisão política o rio seria represado e a ponte seria destruída. Junto,

também seriam destruídos seus desejos de encontrar alguém especial. As garrafas foram jogadas no rio e levadas pelas águas. Para onde? Não sabiam. Só ficou a esperança nos corações das meninas. Esperança de que um dia suas mensagens fossem encontradas e seus sonhos realizados, antes do rio ser represado. Rita e Regina iam todos os domingos até a ponte esperar o alguém especial.

Começou a construção da represa. Foram contratados muitos homens, velhos, feios, gordos, baixos, magros, altos, barrigudos, bonitos, pobres, ricos... Dois engenheiros e vários auxiliares. Uma equipe de trezentos operários. O trabalho começou. Tempos depois as garrafas foram encontradas e lidas. As garrafas de Rita e Regina chamaram a atenção e foram entregues aos dois engenheiros. A distância entre a barragem e a ponte era grande. Os operários trabalhavam dia e noite para que o serviço fosse entregue no prazo certo. Ninguém saía do local de trabalho, eles não tinham folga nem feriados. Os fiscais eram severos, estavam sempre vigiando os trabalhadores e os alojamentos. O ano letivo tinha acabado, mas as garotas iam todos os domingos até a ponte. Agora, elas escreviam mensagens na ponte, com tinta preta, um sinal de luto sobre a construção da represa e porque a ponte seria engolida pelas águas.

Foram construídas duas escolas, uma longe da represa e outra depois da ponte, isso porque no ano seguinte nenhum aluno passaria por ela para ir até a escola. Mas ali era o ponto de espera, elas jamais deixariam de ir até esse lugar e nunca perderiam a esperança.

Um dia anunciaram a data em que a ponte seria fechada. As meninas estavam de férias, então foram todas até a ponte escrever suas mensagens de protesto. Os meninos da escola não sabiam o que as meninas escreviam, mas também começaram a escrever suas mensagens de protesto e tristeza pelo desaparecimento da ponte. Para as águas chegarem até a ponte levaria alguns meses. Seria uma longa espera.

Certo dia, ao olharem para longe, viram as águas subindo lentamente. Resolveram preparar uma festa de despedida. Contrataram um carro de som para anunciar a festa.

*"Quem pegou alguma mensagem em uma garrafa, por favor, compareça a esta grandiosa festa".*

Essa era a propaganda da festividade. Ninguém estava entendendo nada sobre essas mensagens. A população, curiosa, queria saber mais detalhes sobre essa festa, mas o homem que estava fazendo o convite não sabia explicar o significado disso tudo. Por todas as cidades em que ele passava era a mesma mensagem:

*"Venham à festa de despedida, você ficará sabendo sobre o mistério dessas mensagens. Quem pegou alguma garrafa com uma mensagem compareça a grandiosa festa de despedida da ponte. Tragam fogos de artifício, rosas vermelhas e brancas".*

Quando faltavam apenas vinte metros para as águas cobrirem a ponte, foi marcada a data da festa. Tudo foi preparado muito rápido. Muitas bandeirolas coloridas e barracas. Todos estavam curiosos para descobrir quem havia escrito aquelas mensagens. Chegou o triste dia. Rita, com a rosa no cabelo, e Regina estavam aflitas, esperando por alguém que tivesse encontrado suas mensagens. Muitas meninas tinham encontrado seus pretendentes e ganharam lindos ramalhetes de rosas. A água estava chegando na ponte. Foi um triste foguetório. As rosas foram jogadas na água. Muitas palmas e lágrimas. As águas cobriram quase toda a ponte, deixando apenas uns dez metros fora. Todos diziam:

*"Agora ela é a Ponte Caída".*

Já era madrugada quando o carro de som pediu silêncio.

*Atenção, tem duas pessoas aqui que desejam falar?*

*Eu sou o engenheiro Marcos, tenho vinte e cinco anos e estou procurando Rita.*

*Eu sou o engenheiro Paulo, tenho trinta e cinco anos e estou procurando Regina. Nós estamos com suas mensagens. Por favor, venham até o carro de som.*

Todos aplaudiram. Os fogos iluminaram o céu, as águas e a ponte caída. Todos disseram:

*"Agora sabemos o verdadeiro motivo desta festa".*

As duas timidamente se aproximaram do carro de som. Todos queriam que eles se beijassem. Marcos e Rita se beijaram, Paulo e Regina deram um longo abraço de pai e filha.

A ponte caída está lá até hoje como um ponto turístico.

## Ponte dos Sonhos

Oh ponte... Se tu pudesses falar  
Com certeza contaria  
as vezes em que me viu chorar  
e as minhas queixas que  
em silêncio ouvias

Oh ponte dos meus sonhos  
ali recebi meu primeiro beijo...

Ouviste os meus desejos  
E guardaste os segredos das minhas tristezas

Quando ele partiu  
certamente sentiste  
a mesma solidão de quando o rio secou

Oh ponte solitária!  
Como eu, vive a lamentar...  
os doces momentos vividos.

## Ponte dos Desejos

Tentei ultrapassar o abismo  
Que me separava de ti  
A ponte invisível não resistiu  
Eu cai em seus braços  
Recebi as carícias desejadas  
Meu corpo sentia seu calor me sufocando  
De sua boca eu colhia o doce mel da fruta proibida

Ó ponte que me levou a ti  
Para ultrapassá-la, eu não senti  
A distância...  
O impossível aconteceu  
Um amor sem fronteiras  
Rompeu barreiras

A ponte que nos separava  
Era tão somente  
O medo de estar em seus braços.

## Terceira Idade

Ah... Esta lágrima  
Que tenta rolar do meu rosto  
Marcado pelo desgosto  
Aloja-se nas rugas  
De minha pele envelhecida

O espelho não me reconhece  
A menina cresceu e envelheceu  
Onde está sua mocidade?  
Sua alegria?  
A felicidade que sonhou?  
Por que guardou a tristeza em seu coração?

Olha a vida  
Abra essa porta  
Vem viver, junte-se a nós.  
Vamos fazer de conta  
Que o tempo não passou

Temos o direito de ser feliz  
A nossa mocidade está também na terceira idade.